

# PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

## I- Nível STRICTO SENSU

Títulos Acadêmicos	Prazos Regulares
* Mestrado (2º ciclo)	2 anos
* Doutorado (3º ciclo)	2 anos

= Áreas Teológicas: Moral, Dogma, Pastoral, Bíblia, Liturgia, Missiologia e História

= Área Jurídica: Direito Canônico

## II- Nível LATO SENSU

= Áreas Teológicas: Moral, Dogma, Liturgia

Título Acadêmico	Prazos Regulares
* Especialização (ciclo especial)	máximo de 1 ano



Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

Av. Nazaré, 993 - Ipiranga - Tel.: 274-8600 Fax: 272-7630

<http://www.teologia-assuncao.br> / [teologia@teologia-assuncao.br](mailto:teologia@teologia-assuncao.br)

## ÉTICA DA CORPOREIDADE DIANTE DO CONSUMISMO, HEDONISMO E INDIVIDUALISMO

Pe. Gilberto Kasper

### INTRODUÇÃO

A Pós-Graduação em Teologia Moral da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção ofereceu uma semana intensiva de estudos e pesquisas sobre *Ética e Corporeidade*, de 10 à 14 de agosto de 1998.

O primeiro dia de trabalhos coordenados pelo Pe. Dr. Márcio Anatole de Souza Romeiro, abordou a ética e corporeidade a partir da filosofia, apresentando desde a conduta humana os caminhos percorridos por diversas correntes, como Descarte, que gesta o nascimento da modernidade, chegando a Santo Domingo, elencando às questões sobre significado teológico-pastoral pelo qual passa o corpo e em que medida o corpo é um desa-

fio à fidelidade evangélica, perguntando como este pode ser um caminho de comunhão<sup>1</sup>.

A corporeidade na liturgia foi apresentada pelo Pe. Dr. Valeriano dos Santos Costa, no segundo dia da semana. As principais questões abordadas partiram desde a afirmação de que o corpo é visto na perspectiva da epifania da pessoa, metáfora da sociedade e ícone de Deus<sup>2</sup> até os principais símbolos do corpo numa corporeidade gestualística litúrgica.

A pós-graduada Cecília apresentou a relação entre corporeidade e espiritualidade, a partir de sua dissertação. Busca encontrar na poesia de Rubem Alves a superação do dualismo entre corpo e espírito<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Cf. colocações feitas pelo Pe. Dr. Márcio Anatole de Souza Romeiro, durante a exposição do tema *Ética e Corporeidade* a partir da Filosofia, no dia 10 de agosto de 1998, na semana intensiva de Teologia Moral da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo.

<sup>2</sup> José Roque JUNGES, *Corpo como epifania da Pessoa, metáfora da sociedade e ícone de Deus*. In: *Convergência* 297, 1996, p. 568-580 (Pe. Dr. Valeriano dos Santos Costa aprofundou o pensamento durante suas explanações no dia 11 de agosto de 1998).

<sup>3</sup> Cecília é autora da dissertação de mestrado pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, onde trabalhou a corporeidade e a espiritualidade em Rubem Alves.

No quarto dia da semana, Côn. Dr. José Adriano apresentou a corporalidade nas perspectivas da sexualidade e família. Partindo da concepção de Homem em todas as épocas, passou pelo significado amplo da sexualidade humana chegando à família e, sobretudo, à atual "família nuclear"<sup>4</sup>. Fundamentou as reflexões desde a concepção grega, a partir da Sagrada Escritura, da Patrística, do Magistério da Igreja, segundo às ciências, concluindo com a contemplação da realidade.

A conclusão da semana coordenada pelo Pe. Dr. José Benedito Simão, tratou da Ética Teológica da Corporalidade, como ética da vida humana, a partir do desafio do presente frente ao futuro. Aprofundou os aspectos da ética cristã que se preocupa com a corporeidade, enquanto "toda a ciência se preocupa com a antropologia"<sup>5</sup>. Abordou a "compreensão da corporeidade como primeira base da Bioética, a moralidade da corporeidade como realização humana"<sup>6</sup>. Analisou ainda a Biologia do corpo, que trata dos aspectos orgânico, isolado, fisicista ao lado da Bioética que se ocupa com a corporeidade, que

significa a totalidade da pessoa, em sua experiência de vida, sua história; a temporalidade, sua historicidade; a consciência, sua conscientização e finalmente a unidade<sup>7</sup>. Finalizou, mostrando o valor supremo que o corpo representa para a revelação sublime já que, através do corpo humano, o homem estabelece relação com o mundo, com a sociedade, consigo mesmo, sendo ele próprio o lugar da realização pessoal e o pressuposto da existência social<sup>8</sup>. Nossa reflexão estará limitada a aprofundar, com modéstia, a Ética da corporeidade diante de três contravalores que formam, em nossa opinião, o tripé condicionante da sociedade atual: *o consumismo, o hedonismo e o individualismo*.

Tentaremos mostrar no primeiro capítulo, iluminados pelo consumismo, que a pessoa vale e é reconhecida por aquilo que tem ou pode adquirir. Embora pareça "simplista", a abordagem é ampla e complexa, pois a corporeidade sofre as conseqüências de sistemas capitalistas e neo-liberais que defendem a salvação do homem através da fama, do poder, do dinheiro e do prestígio.

O segundo capítulo ocupar-se-á com o hedonismo, que trata do prazer-pelo- prazer. Quanto mais erótica for a publicidade, mais o produto venderá. Quanto mais pornográficas forem os programas exibidos pela mídia, mais audiência adquirirá. A relação das pessoas que prostituem o corpo, mesmo sem serem reconhecidas, oficialmente, prostitutas na sociedade. O hedonismo, companheiro inseparável do consumismo, bem como do individualismo.

O individualismo, tratado no terceiro capítulo, provoca uma reflexão a respeito do comportamento da pessoa humana, diante e a partir da própria corporeidade, em relação a si mesma, em relação ao outro e em relação aos produtos que o consumismo e o hedonismo se lhe impõem, desenhando a "Família Nuclear" de nossos dias.

A conclusão de nosso trabalho procurará, mesmo que ligeiramente, oferecer algumas pistas de superação desse tripé de contravalores, mostrando que há outras indicações de realização plena. E, que "para pecar é preciso ser humano, mas para ser humano não se precisa pecar"<sup>9</sup>.

## CAPÍTULO I: ÉTICA E CORPOREIDADE DIANTE DO CONSUMISMO

Para abordar a influência do primeiro contravalor que rege os caminhos da sociedade atual, o *consumismo*, torna-se necessário rever o homem e seu relacionamento consigo mesmo, com Deus e com o outro. A pergunta a respeito da moral precisa estar presente do início ao fim de nossa reflexão.

### 1.1 O Homem - Imagem de Deus

"O ser humano, é ontologicamente uma *criatura*. Isso significa que ele não é criador de si mesmo. Todo o seu ser é dom de Deus. Portanto, todas as dimensões de sua pessoa, inclusive sua liberdade, autonomia e agir moral, devem ser compreendidas por referência ao Criador. Além de criatura, o ser humano é também *imagem* de Deus, ou seja, possui uma dimensão transcendente. Nele se manifesta certa presença do divino"<sup>10</sup>.

Por amor, Deus quis o homem à sua imagem e semelhança<sup>11</sup>, a fim de que pudesse usufruir, diferentemente das outras criaturas, de tudo que lhe

<sup>4</sup> No dia 13 de agosto de 1998, Côn. Dr. José Adriano trabalhou com vasta amplitude os aspectos da Família, desde sua origem até à Família de nossos dias, assim chamada "Nuclear".

<sup>5</sup> Cf. colocação do Pe. Dr. José Benedito Simão, durante os trabalhos do dia 14 de agosto de 1998, enquanto abordava a Ética Teológica da Corporalidade.

<sup>6</sup> Idem

<sup>7</sup> Ibidem

<sup>8</sup> Ibidem

<sup>9</sup> Cf. colocação do Pe. Dr. Antônio Manzatto na aula de Cristologia no dia 3 de novembro de 1998, enquanto abordava o Jesus Histórico em John Meier, na Pós-Graduação da Teologia Dogmática.

<sup>10</sup> Beni dos SANTOS, Veritatis Splendor: Uma Encíclica Necessária e Oportuna. In: *Revista de Cultura Teológica* n.º 8, p. 74.

<sup>11</sup> Cf. Gn 1, 26 - 27.

fora reservado Deus, com suas duas mãos de oleiro, moldou o homem, único, singular, sem ao menos usar régua. Cada ser humano é único, diferente, especial, porque Deus quis alguém à sua imagem.

Um dos maiores dons confiados ao homem, é a sua liberdade.

### 1.2 O Homem e a Ética

“O homem é o agente de seus atos e, enquanto são atos da pessoa, são atos de liberdade. Na perspectiva cristã, em sua liberdade e autonomia, o homem se defronta com o desígnio de Deus que lhe abre o sentido da existência e da ação. É à luz desse desígnio que o homem de hoje, vivendo num mundo auto-suficiente, pode compreender o sentido de sua existência, o sentido da história e o sentido de seus próprios atos humanos”<sup>12</sup>.

A liberdade, como dom precioso confiado ao homem, implica no abraço com a ética, afim de que possa compreender, que “não só o mundo, mas o homem foi confiado ao seu próprio cuidado e responsabilidade”<sup>13</sup>.

### 1.3 O Homem e a Lei

“O ser humano não é o inventor da lei moral a partir das variantes culturais e das circunstâncias. Apenas a descobre e proclama... A lei natural é pois a lei ditada pela razão humana enquanto componente da natureza do homem, criatura e imagem de Deus. É a ‘verdade universal sobre o homem, cognoscível pela razão humana’. É a lei inscrita por Deus no coração humano”<sup>14</sup>.

### 1.4 O Homem e a Consciência

Mesmo criado à imagem e semelhança de Deus, o homem quis mais. Parecia pouco o que lhe fora confiado. Disse não a Deus e imprimiu o pecado original. Pecar é dizer **não** ao projeto pensado por Deus para o homem. É “dar as costas para Deus”, é querer ser mais, melhor... querendo ser seu próprio deus.

Iluminado pela serpente<sup>15</sup>, o homem descobre a desobediência, a soberba, a prepotência do “querer ser mais”, melhor, mesmo, às custas de sacrifícios alheios.

Ao ouvir o passo de Deus no jardim<sup>16</sup>, o homem descobre sua **consciência**. Sente-se nú, desprovido da

graça e da proteção de Deus, que ele mesmo dispensou. Passa a ter medo e vergonha. A angústia de ter de dialogar com Deus o leva à mentira. Eis os sinais do pecado: medo, vergonha, angústia, falta de paz!

A consciência no homem funciona, como um semáforo, antes do pecado. São os três sinais que condicionam seu coração: o vermelho pede que pare, que aguarde, pois à frente poderá implicar em choque e até em morte; o amarelo, pede que espere, que amadureça a decisão, antes de tomá-la; o verde dá segurança de que o caminho é livre e o certo é ir em frente.

Porém, a humanidade perdeu a noção de pecado. Com a perda da noção de pecado, veste como que um “macacão de mecânico”, onde uma mancha de sujeira a mais não fará diferença. Em outras palavras: um pecado a mais ou a menos, já que todos pecam, não alterará em nada sua vida.

A Teologia Moral chama de **consciência** o “santuário onde (o homem) está a sós com Deus, cuja voz ressoa no seu íntimo”<sup>17</sup>.

### 1.5 O Homem diante do Consumismo

“Consumir” é a lei do homem mergulhado num sistema capitalista e neo-liberal. A força do homem consiste em “possuir” para poder consu-

mir e assim, provar a si mesmo e aos outros, que existe (*consumo, logo existo!*).

Nem mesmo a cultura de fome e miséria escapa dos parâmetros do consumo. Fala-se em controlar a natalidade, evitar mais vidas humanas, porque a fatia do bolo de consumo já não é suficiente para os que se digladiam por ter cada vez mais para poder consumir.

Contemplar os *Shopping Center* de nossas metrópoles, nos permite constatar o valor da pessoa humana, segundo o consumismo que rege o comportamento e a relação da sociedade. São verdadeiros parques de consumo.

O controle remoto dos sofás de nossos brasileiros, que confortavelmente recebem a carga de proposta de consumo em suas casas, proporciona inadimplência galopante numa sociedade que condiciona o valor da pessoa humana, por aquilo que ela decidir comprar, mesmo sem condições. A oferta do mercado impõem à relação de compra e venda facilidades que realizam o sonho de cada um.

A “catequista” dos “baixinhos” brasileiros é um dos exemplos bem próximos, de que o corpo precisa de consumo: nas vestes que a Xuxa veste e **vende**, nas músicas que canta, grava e **vende**; nos brinquedos que a Sacha recebe e a Xuxa **vende** e assim por diante.

<sup>17</sup> Cf. GS 16

<sup>12</sup> Cf. colocação do Cón. José Adriano a respeito do tema “*Corporalidade, Sexualidade, Família*”, no dia 13 de agosto de 1998, durante a Semana Intensiva na Pós-Graduação de Teologia Moral sobre Ética e Corporeidade, promovida pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção em São Paulo.

<sup>13</sup> Papa JOÃO PAULO II, *Encíclica Veritatis Splendor*, n.o 39.

<sup>14</sup> Beni dos SANTOS, op. cit., p.75.

<sup>15</sup> Cf. Gn 3,1.

<sup>16</sup> Cf. Gn 3,8.

Além da televisão incentivar o consumo, incentiva também a desleal e fria competitividade. Basta analisar os circos do Faustão e Gugu, para não elencarmos outros promotores do consumismo. "O efeito mais positivo da batalha entre Faustão e Gugu, cuja tônica comercial não passa despercebida até mesmo aos olhares mais inocentes, foi a explosão do pretexto generalizado que, por sua vez, provocou numerosos e diversificados pronunciamentos sobre o assunto. A proliferação de fotos de banheiras e dos *sushis*, mais que uma intenção de formar os leitores de jornais e revistas, revela oportunismo jornalístico de evidente conotação sensacionalista e comercial"<sup>18</sup>.

Para confirmar a corrida desses "circos alienantes" podemos lembrar a presença do Pe. Marcelo Rossi, considerado pela mídia o "fenômeno atual", em seus programas. Enquanto exibido pelo Domingão do Faustão, este ultrapassou com enorme vantagem (o equivalente a 950.000 telespectadores), o programa do Domingo Legal do Gugu Liberato. Gugu, no SBT, para vencer a Globo, conseguiu segurar Pe. Rossi por duas horas e sete minutos em seu programa, alcançando uma inédita audiência de

32 pontos, que significa "2,5 milhões de paulistanos dançando no sofá da casa". Os meios de comunicação, competindo entre si, encontram em Pe. Marcelo, "um verdadeiro mercado de consumo" para resgatar a audiência, que parecia saturada dos programas dos sabonetes na banheira, das brigas e traições falsificadas, dos tapas e ponta-pés, para alcançarem novamente Ibope. A própria Revista Veja o descreve como "bonito, alto, forte, olhos azuis... canta bem... é alegre..."<sup>19</sup>.

O dinheiro, o consumismo, o poder, o prestígio estão sempre presentes nos sonhos, até dos mais desprovidos do necessário para uma sobrevivência digna. Enquanto não for possível uma conversão do poder em serviço, do dinheiro em partilha e do prestígio em humildade, o *consumismo* continuará tendo a última palavra.

Se alguns são "gente" porque se lhes é permitido ou "exigido" consumir, se outros - a arrasadora maioria dos homens - não são considerados por não poderem consumir, desde sofisticadas mercadorias às drogas que também ocupam lugar privilegiado na sociedade de consumo, é preciso lembrar o que diz o Santo Padre

na Encíclica *Veritatis Splendor*: "Diante das normas morais que proíbem o mal intrínseco, não existem privilégios, nem exceções para ninguém. Ser o dono do mundo ou o último 'misérável' sobre a face da terra, não faz diferença alguma: perante as exigências morais, todos somos absolutamente iguais"<sup>20</sup>.

## CAPÍTULO II: ÉTICA E CORPOREIDADE DIANTE DO HEDONISMO

Hedonismo é a "doutrina segundo a qual o prazer individual e imediato é o único bem possível, princípio e fim da vida moral"<sup>21</sup>. É o prazer-pelo-prazer, simplesmente.

O hedonismo que tentaremos abordar nesta reflexão está intimamente ligado ao consumismo e ao individualismo. Não pretendemos perder de vista o tripé de contravalores que, segundo nossa posição, regem, conduzem e animam a vida da sociedade deste fim de milênio.

Para "costurarmos" a íntima relação que existe entre hedonismo, consumismo e individualismo, pretendemos refletir antes sobre a sexualidade humana, que propõe nos dias

atuais a prática da relação entre as pessoas, despidas de ética, dispensando os valores morais em suas decisões.

### 2.1 Conceito de Sexualidade

"A sexualidade é um dos elementos mais atingidos pela *revolução cultural* dos últimos tempos. De uma situação tabuística onde a sexualidade era reprimida de um modo irracional, passou-se a uma outra de extremo erotismo igualmente obsessiva e irracional"<sup>22</sup>.

Os tabus na área da sexualidade obrigavam as pessoas a viverem com reservas, suas relações afetivas. Em nome de reputação, de bom comportamento "aparente" moral, a sociedade exigia, utilizando-se dos bons costumes, que as pessoas correspondessem a determinadas hierarquias de valores. Na verdade, buscava-se a prática da vivência dos valores morais, para alcançar um comportamento límpido, que pudesse ser contemplado por todos, sem nenhuma vergonha ou hipótese de "pecado".

A situação de erotismo obsessiva e irracional, sugere um relacionamento que costume chamar de "cachorri-

<sup>18</sup> CNBB: Estudos e Reflexões, Encarte: "Conjuntura Social e Documentação Eclesial" N.º 404.

<sup>19</sup> Ver mais sobre o assunto na Revista Veja N.º 44 de 04 de Novembro de 1998, p. 114 - 120.

<sup>20</sup> Papa JOÃO PAULO II, op. cit. n.º 96.

<sup>21</sup> Aurélio B. H. FERREIRA, *Médio Dicionário Aurélio*, p. 892.

<sup>22</sup> Cf. colocações feitas pelo Côn. Dr. José Adriano, durante a exposição do tema *Corporalidade - Sexualidade - Família*, no dia 13 de Agosto de 1998, na semana intensiva sobre Ética e Corporeidade, promovida pela Pós - Graduação de Teologia Moral da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo.

nho e cadela". As pessoas seguem o instinto e determinam que o relacionamento sexual é simplesmente uma necessidade biológica, e quem não o pratica, aos olhos da sociedade, passa a ser considerado anormal. Com tal determinação, perdem-se valores como a castidade, a virgindade, a dignidade provinda do respeito pelo corpo do outro, e arrisco afirmar, que também perde-se a criatividade na relação, principalmente de pessoas que hoje tentam viver uma vida conjugal.

Precisamos estar atentos, de que a "sexualidade não é uma realidade que interessa somente ao corpo, mas interessa ao homem como um todo, na profundidade do seu ser"<sup>23</sup>.

A sexualidade, "do ponto de vista psíquico-somático, é o caráter distintivo do homem e da mulher. Considerada no seu aspecto personalístico, é a capacidade-tendência-necessidade do 'eu' entrar em relação íntima com o 'tu' particular, através do dom de si e do conhecimento do dom do outro"<sup>24</sup>.

### 2.1.1 Sexualidade Genital

Entende-se por sexualidade genital, "a capacidade que tem o homem e a mulher de usar as energias físicas em ordem à transmissão da vida e à

manifestação recíproca do amor. A pessoa humana não é só corpo ou só espírito. A atividade espiritual tende a emergir no nível corpóreo, através de um gesto, de uma atitude, de um sorriso, de um olhar... O corpo é, por assim dizer, a alma que se torna visível. A união corpórea - genital contém o máximo de expressividade. Se trata de fato de um dom total do próprio corpo a uma outra pessoa. Isso pressupõe uma união interior mais profunda. Assim, no casamento o ato conjugal não é algo instintivo, mas é a manifestação de um conteúdo interior de amor e unidade. A sexualidade genital deve ser inserida no contexto de toda a personalidade"<sup>25</sup>.

A sociedade já não aceita este conceito de sexualidade, desorientada à verdadeira função da genitalidade, tornando-se assim brutalmente descompromissada na relação recíproca, em se falando de doação.

### 2.1.2 Sexualidade Afetiva e Pessoal

A sexualidade afetiva é entendida como "uma tendência global do homem verso a mulher e da mulher verso ao homem. Cada um busca no outro aquilo que o completa"<sup>26</sup>. Enquanto que a sexualidade pessoal "não é

simplesmente um jogo de forças instintivas ou afetivas, mas é radicada num 'eu' que pode conhecer-se no outro. O dom de si efetuado no nível genital e afetivo é precedido de um ato consciente, livre e amoroso da pessoa que decide doar-se e entrar em comunhão"<sup>27</sup>.

O jovem de nossos dias necessita de uma experiência sexual genital, segundo as exigências da própria cultura e dos princípios sociais, mas que seja uma experiência descomprometida de doação. O relacionamento sexual vai a procura de uma satisfação pessoal, que haverá de confirmar sua sexualidade, sem deixar vínculo. Hoje, os namorados costumam dizer que "ficam", por algum tempo juntos, satisfazendo desejos e adquirindo experiências meramente prazerosas, sem projetos de vida a dois. Quantos jovens mantiveram relações sexuais sem nem ao menos conhecer o parceiro ou seu próprio nome? Tais relações são freqüentes em boates e discotecas, em cinemas pensados para isso, e, sem menor freqüência, também já nos ambientes escolares.

### 2.1.3 A Sexualidade Hoje

Sabemos que a "maturidade sexual depende muito da maturidade afetiva, isto é, daquela capacidade do

homem em dialogar com a realidade externa, com as coisas, com a sociedade, com Deus"<sup>28</sup>. Mas é difícil encontrar, nos dias de hoje, maturidade sexual nas pessoas. Talvez por isso, o comportamento seja pautado num hedonismo cruel e que, com o tempo, esvazia, escraviza e maltrata psicologicamente a pessoa humana.

"A moral sexual depende muito das diversas antropologias. Falar de sexo e falar da pessoa humana. Uma antropologia dualista, que divide a pessoa em espírito e matéria, vê na sexualidade uma inimiga do espírito e leva, como conseqüência, a desprezar o sexo. Uma antropologia vitalista-hedonista que acredita ter descoberto no biológico e no instinto a verdadeira natureza do homem, exalta a sexualidade física isolada e dissociada de qualquer forma moral"<sup>29</sup>.

Hoje dá-se "maior importância ao prazer físico-biológico que aos outros componentes da sexualidade. Estamos assistindo hoje na sociedade como os MCS elevam o prazer sexual impessoal, separado do amor dialógico, a um dos valores mais altos do mundo"<sup>30</sup>.

Quanto mais "sexy" for a garota, que aparece fazendo publicidade, mais o produto vende. O produto vende por causa da sexualidade da menina.

<sup>23</sup> Idem

<sup>24</sup> Ibidem

<sup>25</sup> Ibidem.

<sup>26</sup> Ibidem.

<sup>27</sup> Ibidem.

<sup>28</sup> Ibidem.

<sup>29</sup> Ibidem.

<sup>30</sup> Ibidem.

Quanto mais pornográfica for a anedota, mais gargalhadas arranca de seus auditores. Quanto mais erótica for uma música, um disco ou uma dança, mais vendagem alcança. Vemos nossas crianças entre 3 e 4 anos de idade, dançando e cantando as indelicadas músicas dos grupos da música brasileira, lançados nos últimos anos pelos "carrascos do consumismo" via satélite.

O sexo está impresso na propaganda e determina o mercado de nossos dias. Mas há, também, a questão da corporeidade, cujo sexo está à venda nas telas de televisão e na Internet.

### 2.1.4 A Compra e Venda do Prazer

Ao abrimos as páginas de classificados dos maiores aos menores jornais, encontramos anúncios, que vendem por intermédio do corpo, na prática sexual, momentos de inesquecível prazer.

São garotas que oferecem seus serviços de prostituição para todos os tipos de clientes; são garotos de programa que prometem exibir corpos atléticos e bem modelados para elas, eles e casais; são bissexuais ou afroditas, do "jeitinho" como a sociedade deseja, para deixar de lado o

monotonismo e correr ao encontro do que os mesmos anúncios chamam de criatividade sexual.

No mês de setembro, a folha de São Paulo publicou uma matéria notificando os leitores de uma megao-peração que tenta reprimir a pedofilia na Internet: países da Europa e Estados Unidos exibindo imagens de sexo explícito entre crianças; a maior parte da pornografia infantil apreendida, provinha de empresários alemães<sup>31</sup>.

Nos dias de hoje, quem não é informatizado, pode correr o risco de ser considerado analfabeto. As crianças, desde cedo têm acesso à Internet com todas as suas consequências.

Há poucos dias, aguardando o Noticiário do meio-dia de um sábado, tive o desprazer de assistir propaganda de sexo por telefone, onde a cada minuto a Rede Bandeirantes exibia, em horário nobre (ganhando rios de dinheiro para isso) diversos clip's anunciando Telesexo, Fone-Erótico com as imagens de garotas gemendo e exibindo-se na tela.

O Hedonismo desenvolve-se amplamente e torna-se alimento fundamental, na mentalidade de hoje, do consumismo e incentiva com demasia o individualismo.

### CAPÍTULO III: ÉTICA E CORPOREIDADE DIANTE DO INDIVIDUALISMO

O individualismo sugere, como terceiro contravalor do tripé que formamos para a nossa reflexão, a partir dos nossos conceitos de relações que a sociedade imprime nos indivíduos que a compõem.

Para pensar no *individualismo* como tal, torna-se necessária uma análise a respeito da família. Pois "...antes de tomar parte em qualquer outra comunidade, o homem pertence a uma família"<sup>32</sup>, mesmo que se comporte diferentemente. Afirmo "diferentemente", já que hoje vive-se no contexto da família, como se vive numa "pensão melhorada": cada um, pai, mãe e filhos com afazeres diversos em horários distintos, impossibilitando o encontro e o diálogo no seio do próprio lar. Pensar na televisão como meio de sobrevivência em casa, nos proporcionaria tema para uma nova monografia. Mesmo assim, abordaremos o assunto.

A família "é o lugar de origem da vida humana, da primeira estruturação histórica da pessoa, ao passo que os

outros grupos e instituições são destinados a dar sentido à vida já presente ou a orientá-la"<sup>33</sup>.

"Os que se unem para constituir uma família, são seres projetados no mundo que procuram, no relacionamento familiar, dar sentido e valor à própria existência. A família se revela e se apresenta como comunidade de pessoas. No seio dessa comunidade é que cada um desenvolve a personalidade, toma consciência de si mesmo e se educa. A sociedade mais ampla une os indivíduos através de normas, leis e contratos. A comunidade familiar, mais personalizante, humaniza mais. Na visão da Igreja ela será sempre a **escola do mais rico humanismo**"<sup>34</sup>.

Porém, onde está esta família cuja escola é o rico humanismo? As pessoas são indivíduos, muitas vezes distantes umas das outras, no seio da própria família. Às vezes, "amontoados" de indivíduos que se toleram ou se suportam por alguns anos e, depois seguem caminhos diversificados.

### 3.1 Família Nuclear

"A família nuclear, ligada ao fenômeno da explosão demográfica, industrialização e urbanização traz consigo

<sup>31</sup> Ver Jornal - FOLHA DE SÃO PAULO: *Abuso infantil*, Mundo, de 3 de Setembro de 1998, p. 1/12.

<sup>32</sup> Cf. colocação do Cón. José Adriano a respeito do tema "Corporalidade, Sexualidade, Família", no dia 13 de agosto de 1998, durante a Semana Intensiva na Pós-Graduação de Teologia Moral sobre Ética e Corporeidade, promovida pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção em São Paulo.

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> Ibidem.



algumas características comuns: livre escolha do companheiro, independência econômica e afetiva do casal, decisão pessoal quanto ao número de filhos, filho considerado como resultado do amor, atenuação da submissão irrestrita da mulher ao marido, emancipação precoce dos filhos menores, atenuação da delegação exclusiva das tarefas educacionais à mulher. Nesse tipo de família, a mulher deixou de ter um destino traçado. Ela pode tomar a decisão de casar, de ser mãe, de exercer uma profissão. O casamento e a maternidade deixaram de ser para ela uma fatalidade. Com seu ingresso no mundo do trabalho, um dos sinais dos tempos, conforme registra a *Mater et Magistra* n.º 79, a mulher contribui, com seu salário, para o sustento da família. Mudou, por isso mesmo, a posição da importância da mulher no sistema da família. À família pré-industrial pertenciam também a parentela e os agregados. A família moderna é constituída de casal e filhos menores. Ela é constituída de indivíduos, por isso é **nuclear** ou **conjugal**. Antes, o número era amigo da família. Ela se enriquecia quantos mais filhos tivesse, pois precisava de braços para o trabalho do campo. Hoje, ela se empobrece na medida em que aumenta, daí o controle de nascimentos realizados a todo o custo. Os filhos, por sua vez, bem cedo escapam à tutela paterna.

<sup>35</sup> Ibidem.

A livre escolha do companheiro é outro traço marcante da transformação da família patriarcal em nuclear, com o realce que deu ao valor da mulher e a sua igualdade com o homem. Isso faz do grupo familiar uma **sociedade de sujeitos**, no dizer de Maldiner. Os valores do casal foram realçados: amor, intimidade, comunidade. Predomina na relação conjugal o aspecto relacional e expressivo. O matrimônio se tornou, mais que no passado, o contexto natural para a realização do amor<sup>35</sup>.

As características da família nuclear, que busca identificar as causas do acentuado **individualismo**, como contravalor integrante do tripé que analisamos, elenca com muita objetividade os desafios que esse tipo de família enfrenta, possibilitando-nos à constatações concretas e conhecidas no mundo real:

“A família nuclear comporta riscos e desafios quanto ao alcance de sua **soberania** diante do contexto social: desafio da comunicação, já que a relação interpessoal se transformou na **força motriz** do casal; desafio da autoridade que passou a ser exercida como serviço; desafio das responsabilidades sociais e busca de equilíbrio entre as exigências pessoais, familiares e sociais; desafio da duração da união, tornando o projeto familiar apenas uma etapa do projeto conjugal;

risco do aborto quando falham os anticoncepcionais; sexualismo exacerbado; desafio do planejamento familiar das políticas de controle da natalidade e desafio da separação aceita como solução da probabilidade crescente de fracasso da união conjugal<sup>36</sup>.

### 3.2 Meios de Comunicação e Individualismo

O tripé de contravalores que estamos abordando, encontram em sua grande maioria, respaldo nos meios de comunicação. Nesses meios o indivíduo é induzido a consumir e assumir o hedonismo - como última palavra para sua realização pessoal - segundo a ordem da sociedade que se permite ser conduzida pelo mesmo tripé.

Sabemos que os “meios de comunicação deveriam ser, como consequência, o traço de união entre as pessoas e o mundo, incentivando a participação da família na sociedade pela informação e troca de idéias<sup>37</sup>”.

O que justifica nossa afirmação, de que os meios de comunicação “produzem” o individualismo cada dia mais acentuado nas relações, é que eles calam a família, desde a tenra idade dos filhos, que por vezes, pedindo a atenção dos pais, são mandados a dar a voz aos atores da novela das oito ou às aberrações do Ratinho.

<sup>36</sup> Ibidem.

<sup>37</sup> Ibidem.

Além disso, na falta de condições para estar o tempo integral com os filhos e, de contratar uma pessoa que lhes faça companhia, não existe melhor babá do que a televisão. Por sua vez, a televisão oferece a Xuxa, a Angélica e outras artistas que se tornam as primeiras “catequistas” a induzirem as crianças a contravalores como o consumismo: comprar os produtos da Xuxa ou da Sacha dá status e educa, na concepção de nossa sociedade.

As causas do individualismo são ainda: “baixo nível cultural dos programas; exploração abusiva do sensacionalismo, com predileção sistemática pelos temas de sexo, violência, crimes e anormalidades; sistema de propaganda comercial subliminar, induzindo a uma ânsia aquisitiva que não corresponde à realidade econômica de muitas famílias; desregramento, aborto, divórcio, sexo-livre, mostrados sistematicamente na conduta dos ídolos populares; apelo absorvente e ininterrupto da televisão à atenção visual dos membros da família, reduzindo-os a uma grande passividade, em detrimento do diálogo, da convivência amorosa e até mesmo do cumprimento de deveres escolares e trabalhos domésticos rotineiros. A esse respeito, dois pólos são, primordialmente, a meta da propaganda: o sexo e a mulher. O homem moderno é erotizado

artificialmente. Recebe os estímulos de uma sexualidade padronizada e imposta. Pode-se dizer que a publicidade moderna caracteriza-se pela onipresença de imagens que ultrapassam a imaginação erótica do indivíduo, colocando diante dele mais imagens do que poderia assimilar ou tirar de si mesmo. O consumo manipula o sexo porque é necessário vender e, em regime de concorrência, é necessário fazer desejar. Coloca-se toda a clientela em estado de ereção permanente e assim a sexualidade transforma-se em necessidade de massa. É imposta de fora para dentro. Quanto a mulher, nesse tipo de sociedade, é manipulada não só como instigadora do consumo, através do sexo, mas também como elemento consumidor. Tudo isso nos coloca frente a uma sociedade que faz do amor e do sexo objetos de consumo e, como consequência, cria um relacionamento superficial e desumanizante. Sujeitas às pressões sociais, as pessoas são mais vítimas do sistema do que agentes do seu próprio destino<sup>38</sup>.

O individualismo encontra, ainda, parte de sua origem diante da tela e do teclado de computador. Este prende a atenção do indivíduo, dispensando-o de qualquer outro diálogo, a não ser o virtual. O computador, a Internet, juntamente com a evolução da informática calando a pessoa, promo-

vem e reforçam nosso tripé de contravalores que agridem profundamente a possibilidade de uma ética da corporeidade.

Afirmo que agridem a ética da corporeidade, enquanto impedem o encontro com o outro, no calor da sinceridade. Quanta mentira se escreve num relacionamento amistoso ou amoroso via Internet? Enquanto a Informática calar o homem, impedindo-o de conversar com o outro, para promover, unicamente, o diálogo consigo mesmo, Deus e o outro ficarão esperando por alguém que se tornou extremamente **individualista**.

### CONCLUSÃO

Nossa reflexão não se esgota com essas páginas, mas abre-se a novas pesquisas que possam desenvolver com maior propriedade, seja o tema da ética e a corporeidade, seja o tripé de contravalores que, segundo nossa modesta visão, opõe-se à verdadeira realização pessoal do homem.

Poderíamos ter abordado, no que diz respeito ao **consumismo**, a questão do consumo de drogas que leva tantos jovens ao mundo irreal, distanciando-os de projetos edificantes para suas vidas. Os traficantes que exploram a corporeidade dos menores para facilitar o tráfego, produzindo, desse modo, a criminalidade incontrolável de nossa sociedade.

Quanto ao **Hedonismo**, tentamos ilustrar o quanto é presente e interrelacionado com o consumismo. Podemos afirmar com toda segurança, que o hedonismo, alimentando o consumismo, existe tão somente por alto preço, que tenta comprar a todo custo, a vida, o prazer e a liberdade da pessoa humana.

O **individualismo** se faz presente nos dois outros contravalores, enquanto nossos sistemas capitalistas e néo-liberais assim o exigirem. O indivíduo atropela, correndo irracionalmente atrás de melhores condições de sobrevivência, deixando crescer em seu íntimo um novo produto deste final de milênio, que chamamos **egoísmo**. Basta observar o comportamento das pessoas, no trânsito, ao volante. Encontra-se ali a maior expressão de individualismo convertido em egoísmo da pessoa humana.

Existe, porém, uma esperança, de que por meio de uma eficaz pastoral das comunicações, se possa mudar a mentalidade, centrando nossa ação nos valores humanos essenciais, como o

amor gratuito, a verdade, a justiça, a liberdade e a paz, que deveriam ser as legítimas aspirações da pessoa humana, à luz das exigências evangélicas<sup>39</sup>.

É missão fundamental do teólogo moralista possuir uma deontologia especial<sup>40</sup>, exercendo sua atividade com espírito evangelizador<sup>41</sup>.

Concluimos, afirmando com o Papa João Paulo II, que em sua encíclica *Veritatis Splendor* nos mostra que a verdadeira "vida moral não consiste numa moral de atos, isto é, num agir mecânico baseado num elenco de coisas permitidas e proibidas". Mas que "a autêntica vida moral engaja a pessoa a partir de seu mundo interior. Implica liberdade e responsabilidade"<sup>42</sup>.

Pe. Gilberto Kasper é pós graduando em Teologia Moral na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo.

<sup>38</sup> Ibidem.

<sup>39</sup> Ibidem.

<sup>40</sup> Beni dos SANTOS, op. cit., p. 79.

<sup>41</sup> Ibid. p. 79.

<sup>42</sup> Cf. Ibid. p. 80.